

SUBSECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE – PREFEITURA DE BELO HORIZONTE
SUBSECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE
DIRETORIA REGIONAL DE SAÚDE NORDESTE

MOSTRA NORDESTINA: TECENDO REDES

Eu sou D.A.S, mas pode me chamar de Juju: um rico caso da construção em rede

Autoras:

Daniela Ávila Santos
Maria Madalena de Barros Pimentel

Belo Horizonte
2018

“Eu tava morta, suja e fedendo e mesmo assim o Cabeça de Mamão me salvou”

Apresentação

Com esta frase a usuária D.A.S se apresentou ao Serviço Social do Centro de Saúde Cidade Ozanan em Abril/2018. O caso foi encaminhado pela equipe de Estratégia em Saúde da Família cientificando a profissional que se tratava de mulher em situação de violência de gênero no âmbito doméstico, além de portadora de sofrimento mental com diagnóstico ainda a esclarecer. Através dos atendimentos iniciados passamos a conhecer não somente a D.A.S e sim a Juliana, Ju ou Juju como é carinhosamente chamada pelos profissionais e a comunidade.

Juju nasceu em um município no interior de Minas Gerais, não foi criada pela mãe biológica e sim por uma tia, cresceu em ambiente violento e saiu de casa aos 16 anos para trabalhar como doméstica e posteriormente mudou-se para São Paulo. Retornou cinco anos depois, período este, em que conheceu seu primeiro marido com quem teve três filhos, relação também atravessada pelas diversas manifestações de violência e em decorrência desta dinâmica um dos filhos do casal veio a óbito. A mãe e as crianças foram expulsas de casa e viveram em situação de rua por um ano até ambos os filhos serem acolhidos por famílias sem vínculo consanguíneo, esse rompimento contribuiu para que Juju encontrasse no uso abusivo de álcool uma forma de suprir suas perdas.

Com aproximadamente 23 anos retornou ao convívio com o primeiro marido sendo a violência uma constante na relação, agora, agravada pelo uso abusivo do álcool e outras drogas chegando a um confronto em que ambos saíram gravemente feridos. Após esse episódio Juju iniciou um processo de separação e posteriormente o ex esposo veio a falecer. Liberta da situação de violência, ainda assim vivia em violação de direitos, sem acesso ao convívio familiar, moradia, assistência social, saúde ou gozo pleno da cidadania. Estar à margem dos direitos sociais refletiu em sua identidade, a Juju antes autônoma, pró ativa e sociável deu lugar à uma mulher nula, insegura e dependente não somente dos serviços públicos, mas do afeto de estranhos. Viveu nesta situação até 1998, aos 31 anos, quando conheceu o atual companheiro (E.J.R).

Foram morar juntos em residência cedida pela família do mesmo e após cinco anos de convívio a violência de gênero se fez presente na cruel roupagem de objetificação da mulher e reconhecimento desta como uma posse exclusiva do homem o que inclui seu corpo, sua liberdade, a própria essência. Ao longo dos anos o uso de álcool e outras drogas progrediu assim como as agressões físicas e verbais. Juju mantinha auto cuidado precário, às vezes

desmaiava ou pernoitava na rua após uso intenso, em uma dessas situações foi levada por terceiros ao Centro de Saúde e encaminhada a Unidade de Pronto Atendimento pelo médico que viria a se tornar sua referência. Esse episódio foi visto pela usuária como um marco de mudança em sua trajetória, construindo a partir daí um vínculo com a equipe ESF em especial com o clínico da ESF, ou como foi apelidado por ela, o “Cabeça de Mamão”. Juju passou a ver na unidade de saúde um local de apoio e de cuidado, era acolhida conforme demanda ainda que as agendas não permitissem o encaixe, dentre a várias formas de manejo da equipe, a dispensação de medicamento foi adequada considerando suas limitações em administrá-las, a sua dificuldade em transitar pela cidade impossibilitou encaminhamento a dispositivos fora do território familiar à usuária, mas colaborou para o estabelecimento de relação afetuosa com equipe e gradativamente Juju cessou o uso de álcool até atingir a abstinência há aproximadamente dois anos.

Concomitante ao acompanhamento em equipe multidisciplinar no centro de saúde, Juju criou estratégias para se proteger no lar, como a separação de corpos e adoção de um cão, nomeado “Sansão”, que se tornou seu companheiro e protetor. Os laços comunitários foram se restabelecendo gradativamente possibilitando inserção no mercado de trabalho informal através de serviços como diarista na vizinhança, além de receber doação de dois marmitex ao dia pela vizinha “Mãe Preta”, pois E.J.R não permite que ela faça as refeições na casa, embora determine que a limpeza da residência e preparo da alimentação dele seja obrigação de Juju. Embora tenha havido avanços, a situação de violência de gênero no âmbito doméstico continuou presente, necessitando de inclusão nas políticas de enfrentamento a violência contra a mulher em Agosto de 2017 em que passou a ser atendida no Benvinda. O serviço público é um Centro de Apoio à Mulher onde são realizados atendimentos, orientações e acompanhamento a mulheres acima de 18 anos que vivem ou viveram situações de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral) baseadas no gênero e ocorridas no seio familiar e/ou domésticas.

Conforme fortalecido pela Política Nacional de Promoção de Saúde – PNPS (Brasil, 2006), as práticas intersetoriais rompem a fragmentação no processo saúde doença, promovendo a superação de vulnerabilidades, riscos e danos. O trabalho em rede viabiliza a atuação de seus agentes ante a necessidade apresentada pelo caso trabalho, considerando os condicionantes clínicos e sociais presentes neste contexto. Frente estas prerrogativas foi iniciada a interlocução entre os dispositivos.

Em seu primeiro contato no Benvinda, após ser trazida pela PVD (Cia. de Prevenção a Violência Doméstica da Polícia Militar) a usuária mostrou-se frágil, introspectiva, amedrontada apresentando dificuldade em manter comunicação direta com a equipe técnica. Nos atendimentos subseqüentes a usuária iniciou um processo de transferência com a técnica responsável pelo seu caso e apresentou boa adesão à proposta do dispositivo, porém, recusou a oferta de abrigo, pois não poderia deixar o “Sansão” e as amizades desenvolvidas no território. Buscando intervenções adequadas às necessidades da usuária se fez necessário a integração das políticas de saúde e proteção a mulher e foi iniciada a construção coletiva do trabalho envolvendo equipe ESF, Serviço Social da unidade de saúde e Benvinda, tendo como foco a busca de alternativas que promovessem seu reconhecimento de sujeito em situação de violência de gênero, a superação dos riscos como dispostos na Lei Maria da Penha e quais os serviços que poderiam ampara-la, acolhe-la, respeita-la, além de fomentar o resgate da cidadania.

Esse movimento se deu através de discussão do caso entre os profissionais envolvidos, atendimentos presenciais nos diferentes serviços sob a mesma ótica do crescimento e independência da usuária estimulando que esta expandisse suas possibilidades para além do universo criado em seu entorno. Ressaltamos que este acompanhamento está em curso, mas é possível perceber seus efeitos, Juju, gradativamente, transita pela cidade com autonomia, sendo a protagonista de seus desejos e sonhos, dialoga, de forma emancipada, com o sistema judiciário e de segurança, resultando em uma postura de intolerância frente a tentativas de violência por parte do companheiro, além de divulgar em seus grupos os serviços de prevenção a violência contra mulher, buscando também sua preparação para o mercado formal de trabalho e moradia individual.

Conclusões.

Essa experiência demonstrou aos agentes envolvidos que os padrões e protocolos podem ser quebrados e reconstruídos através da necessidade de criar novas estratégias pré estabelecidas, sendo norteados por uma visão holística que abranja todas as dimensões do ser, entendendo sua individualidade, e atendendo aos aspectos biopsicossociais. Este caso não se restringiu às condutas possíveis delimitadas pelas áreas afins, sendo necessário transpassar a dimensão dos dispositivos percebendo a necessidade de avançar não somente na cessação do risco de violência, mas a construção da independência como mulher plena, de seus direitos sonhos e desejos.